

O POVOAMENTO DA BACIA SUPERIOR DO RIO SOUSA DA PROTO-HISTÓRIA À ROMANIZAÇÃO

por

José Marcelo Sanches Mendes Pinto*

Resumo: Apresentam-se os primeiros resultados de um trabalho de prospecção sistemática realizado ao longo dos últimos dois anos na bacia superior do Sousa, abrangendo os concelhos de Felgueiras e Lousada, e analisam-se as estratégias de povoamento que estão na origem de vinte e quatro povoados detectados, em função de recursos disponíveis e dos tipos de exploração do território numa diacronia que nalguns casos vai do Bronze Final à romanização.

Palavras-chave: Sistema de povoamento. Economia. Bronze Final/Romanização.

PREÂMBULO

Por razões de vária ordem, iniciámos há cerca de três anos uma reorganização dos levantamentos arqueológicos do concelho de Felgueiras anteriormente efectuados, tendo em vista uma sistematização dos mesmos que conduzisse à elaboração da respectiva Carta Arqueológica. Iniciámos também nessa altura um programa de levantamento exaustivo do concelho, que além de uma pesquisa bibliográfica intensa, constou de uma aturada batida de campo, por forma a completar os levantamentos e as informações anteriores, culminando em 1991 com um estudo sobre o património arqueológico do concelho, a incluir no respectivo Plano Director Municipal. Ainda em 1991, iniciámos o levantamento arqueológico do concelho de Lousada, limítrofe com Felgueiras, tendo também em vista a elaboração de um estudo sobre património arqueológico a incluir no respectivo Plano Director Municipal.

O conhecimento desta área, estruturada pelo rio Sousa, fez-nos reter a ideia que os territórios dos dois concelhos integravam uma unidade geográfica bem definida e individualizada, cujas características seriam talvez condicionantes de especificidades nos modelos antigos de povoamento e ocupação, na evolução cultural e nas relações do homem com o meio. Denominámos genericamente essa

* Docente da Universidade Moderna do Porto.

unidade geográfica como Bacia Superior do Sousa.

Para efeitos do nosso estudo, e pela importância cultural de que se revestem as bacias dos rios Tâmega e Ave entre as quais se encontra encaixada, entendemos acrescentar a esta unidade geográfica as suas vias de comunicação natural com elas, constituídas por parte do vale do rio Vizela, a Norte, e pelos vales do rio Passarias e Ribeira de Borba, a Leste.

A Bacia Superior do Rio Sousa estende-se assim por uma área de cerca de 215 Km², onde foi possível detectar até ao momento 24 povoados com ocupação pré-romana, dos quais 12 apresentam vestígios superficiais de romanização, 7 sítios apenas com vestígios romanos, uma villa romana comprovada e duas outras prováveis, e 11 necrópoles.

O estudo que agora apresentamos constitui uma primeira abordagem ao problema do assentamento de populações proto-históricas na bacia superior do rio Sousa e consequentes modelos de povoamento e aculturação numa diacronia longa desde o Bronze Final à época Romana. Não contando ainda com resultados de escavações arqueológicas ou sondagens sistemáticas em todos os povoados, também não possuímos elementos suficientes que permitam estabelecer cronologias para a sua génese e muito menos sincronias para o seu desenvolvimento. Pensamos porém que, pelo menos na Fase III da chamada Cultura Castreja¹, todos eles estavam ocupados, verificando-se o abandono de alguns já nos inícios da 2^a metade do século I d.C.².

Este estudo constitui então, essencialmente, uma reflexão teórica baseada em informação bibliográfica, numa presença constante no terreno e em recolhas de superfície, para além de breves subsídios à carta arqueológica da região. Pretende ser ainda, e apenas, o ponto de partida para um projecto de investigação consistente a desenvolver nos próximos anos.

I. A BACIA SUPERIOR DO RIO SOUSA

1. Caracterização Geográfica

1.1. Situação

A Bacia Superior do Rio Sousa vem representada na Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000, folhas 85, 98, 99, 111 e 112, dos Serviços Cartográficos

¹ Adoptamos neste ponto a periodização de Armando Coelho Ferreira da Silva, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986.

² Esta é também a conclusão de M. Martins para a zona da bacia média do rio Cávado. Manuela Martins, *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Universidade do Minho, Braga 1990, pag. 206.

do Exército, bem como na Carta Geológica de Portugal, escala 1:50.000, folhas 9-B e 9-D, dos Serviços Geológicos de Portugal.

1.2. Hidrologia

A bacia superior do rio Sousa (Fig.1) abrange na sua quase totalidade os concelhos de Felgueiras e de Lousada, fazendo parte de uma área bem individualizada que é o Entre-Douro-e-Minho. Podemos defini-la como uma verdadeira bacia de recepção e drenagem, com um conjunto de linhas de água que, descendo dos montes que a rodeiam, confluem para uma outra que origina o rio Sousa, correndo no sentido NE-SW.

Este, na origem, é formado pela confluência da ribeira de Ambroges, que vem dos montes de Santa Quitéria, com a ribeira que vem de Friande e com o regato que desce de Simões e drena o monte das Fontainhas, nas freguesias de Moure e Pinheiro (Felgueiras). Mais abaixo, na freguesia da Pedreira, ainda em Felgueiras, é engrossado com a Ribeira da Longra, que por sua vez drena os montes de Sousa e Penacova. Na freguesia de Vilar do Torno e Alentém, já no concelho de Lousada, reúne-se-lhe o Tressousa, drenando os montes de Vila Cova, Vila Verde, Santa Marinha e Airães. Junta-se-lhe depois a Ribeira de Barrosas. Atravessando o concelho de Lousada no sentido N-S, o rio Mezio vai confluir no Sousa já em terras de Penafiel, constituindo, juntamente com a Ribeira de Sá, a NW, um corredor de comunicação com o vale do rio Vizela.

Bacia de recepção, como vimos, prolonga-se depois num vale aberto e de margens baixas, com pequenas planícies aluviais sulcadas de ribeiras que fertilizam toda a área envolvente. Podemos mesmo dizer que a abundância de água é uma das características marcantes desta região, no seu conjunto pouco acidentada e de declives relativamente suaves.

Como atrás dissemos, acrescentámos à Bacia Superior do Rio Sousa parte do vale do rio Vizela numa zona média do seu percurso, desde Jagueiros, a Norte, onde confluem os rios Ferro e Bugio, até à confluência com a Ribeira de Sá a NW, cerca das Caldas de Vizela. Acrescentámos também, a NE, o pequeno Rio de Passarias, que, engrossado com a Ribeira de Borba a SE, corre pelo vale de Telões em direção ao Tâmega.

1.3. Geomorfologia e Tectónica

Esta bacia desdobra-se num verdadeiro anfiteatro, rodeada por um arco montanhoso constituído a Sul e Sudeste pela linha de elevações que, vinda de Santa

Marta (Penafiel), e passando pela Trovoada, Santa Marinha e Ladário, fazem a separação com o vale do Tâmega; a Leste e a Norte pelos cabeços de Crestins, Simães, Santa Quitéria e São Domingos, fechando a Noroeste com os montes de Penacova, Barrosas e a serra de Campelos, que a separam do vale do Vizela. Estas elevações atingem a sua altitude máxima à cota dos 578 metros, nos montes de Barrosas, não ultrapassando a maioria dos seus cumes a cota média dos 450 metros (Fig.2). Em contraste, as zonas mais abertas e mais baixas oscilam entre as cotas dos 132 e dos 300 metros.

A análise dos declives do solo permite verificar a existência de duas classes maioritárias, a de declives até 8%, coincidente com o critério de classificação dos solos agrícolas para os solos da classe A, e a de declives de 8-16%, coincidente com a classificação de solos agrícolas de classe C. A classe 16-30% e a classe superior a 30% são próprias da meia encosta e das zonas montanhosas.

Geomorfológicamente, podemos distinguir a Nordeste uma zona com duas falhas tectónicas paralelas, orientadas no sentido NO-SE, constituídas por xistos e metagrauvaques do Silúrico inferior, estendendo -se uma delas desde Jagueiros até Borba de Godim, prolongando-se depois pelo vale de Telões (Amarante) e a outra de Pombeiro de Riba-Vizela ao monte do Ladário. Esta falha interrompe uma mancha de rochas ante e sintectónicas constituída por granodioritos porfiróides, orientados, biotíticos, com grandes megacristais de feldspato potássico, que constitui o centro da bacia superior do Sousa. A Sudeste, entre os Montes de Barrosas e a serra de Campelos, encontra-se uma orla de metamorfismo de contacto, com corneanas e metassedimentos recristalizados, confrontando a Sul com uma mancha de rochas tardi-tectónicas formada por monzogranitos biotíticos, porfiróides, de grão grosseiro, e apresentando uma pequena bolsa sintectónica de granito de grão médio com duas micas, conhecido por granito de Lousada. A Sudoeste, uma falha provável com a inclinação NO-SE que começa nas Caldas de Vizela e se prolonga até Recezinhos, cruzando a Bacia do Sousa por alturas de Meinêdo. Esta falha deve estar na origem das águas minero-medicinais das Caldas de Vizela.

1.4. Características do Solo

Não existe para esta região uma carta de aptidão agrícola que permita um estudo aprofundado das aptidões dos vários tipos de terreno que aqui é possível encontrar, o que talvez permitisse enquadrar mais facilmente a funcionalidade e a vocação específica dos vários tipos de assentamento proto-histórico detectados. Existe apenas uma carta genérica de capacidade e uso de solos³, pela qual pode-

³Carta de Capacidade e Uso do Solo de Portugal. Base e normas adoptadas na sua elaboração, Centro Nacional de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, Lisboa, 1983. Escala 1:25.000.

mos verificar que nesta área predominam os solos com horizonte B câmbrico, ricos em potássio, permeáveis e aráveis, com uma textura areno-humífera de espessa cobertura. Torna-se assim difícil verificar quais os potenciais recursos a que cada povoado poderia ter acesso, ainda que teórico, o que permitiria uma análise em que esses recursos seriam encarados como um dos factores de implantação.

No subsolo, além da abundância de minérios de quartzo e feldspato potássico, é de assinalar uma faixa — correspondente à zona de falha com xistos e meta-grauvaques — onde existem ocorrências de minério de estanho, com vestígios de exploração antiga que se estende desde a Estradinha, perto de Sendim, ao Marco de Simões, Pinheiro, Maçorra, Macieira e Seixoso, a Norte e a Leste, havendo ainda notícias de uma mina de estanho e chumbo em Fonte Côva (Nogueira, Lousada), a Sul, registada em 1873.

II. PROTO-HISTÓRIA DA BACIA SUPERIOR DO RIO SOUSA

2.1. Critérios de Assentamento

A exiguidade de terraços fluviais quaternários e a falta de prospecção especializada fazem com que nada saibamos em relação à ocupação deste território durante o Paleolítico, não sendo conclusivos alguns materiais líticos encontrados nos finais do século passado⁴, quer por informação deficiente quanto ao local concreto dos achados, quer por falta de informação quanto a contextos — não falando já da absoluta falta de estratigrafias —, restando como vestígios da Neolitização⁵ uma pequena mamoa que detectámos na extrema do concelho de Felgueiras com Celorico de Basto, a Leste, e a necrópole megalítica da serra de Campelos, a Noroeste.

Também pouco ou nada se sabe sobre a introdução das técnicas metalúrgicas e qual o seu impacto nas populações que aqui habitavam, muito menos sobre a importante mutação cultural daí decorrente. Os machados em bronze de talão e dois anéis achados em Pinheiro (Felgueiras)⁶ são os únicos vestígios conhecidos

⁴ A maior parte destes materiais é proveniente de achados resultantes das prospecções nesta área efectuadas por Martins Sarmiento e ainda de doações ao Museu por este fundado. F. J. Salgado Guimarães, *Museu Martins Sarmiento - Guia Descritivo. Secção de Indústrias Pré e Proto-Históricas*, Guimarães, 1980, 3-5.

⁵ No Museu Martins Sarmiento estão depositados 3 machados em anfíbolito polidos, um deles com a referência genérica "Felgueiras" e os outros dois dados como provenientes de Cristêlo-Lagares. Não havendo indicação de contexto dos achados, só genericamente os podemos relacionar com a Neolitização, dada a frequência de ocorrência em contextos mais tardios.

⁶ Estes machados (6), tipo Monteagudo 35A, encontram-se depositados no Museu de Etnografia e História do Porto, e aparecem erradamente conotados com o lugar da Boavista, freguesia de Pinhei-

dos finais desta época⁷, na qual a paisagem começa a ser modelada com a instalação de povoados e assentamentos em locais estratégicos e com características que evidenciam prioridades de defesa, com uma arquitectura marcada pela construção em pedra com plantas predominantemente circulares.

É pois nesta paisagem variada, onde coexistem zonas montanhosas com áreas aplanadas e de vale, onde a água das ribeiras e regatos é um elemento omnipresente e, talvez por isso mesmo, não tão condicionante da vida das populações como se poderia pensar, que encontramos 24 povoados com ocupação pré-romana (Fig. 3), apresentando uma característica comum: todos eles se situam em locais elevados, destacados do resto da paisagem, apresentando, como atrás dissemos, boas condições de defesa natural reforçadas por vários tipos de fortificações. Apesar disso, nem todos evidenciam as mesmas condições de assentamento, o que nos leva a pensar que o seu posicionamento, a sua relação com o meio físico que os cerca, a sua dependência de determinado tipo de recursos e a sua situação relativamente uns aos outros são factores distintivos de diferentes critérios de assentamento que originam diferentes padrões de povoamento. Alguns destes povoados denotam aculturação e permanência de ocupação durante o período romano. Contudo, neste período é sensível a evolução para um outro tipo de modelo de povoamento resultante de uma nova forma de exploração dos recursos agrícolas aliada à introdução de novas tecnologias e novas culturas. A intensificação da exploração de recursos minerais, essencialmente do estanho em que a zona Leste da bacia superior do Sousa é rica, não parece ter afectado o modelo antigo de povoamento, uma vez que aí ainda não foi detectado nenhum assentamento que se possa conotar exclusivamente com o período romano, verificando-se apenas a continuidade de ocupação nos povoados dessa área.

2.1.1. Situação

A relação entre um povoado e o meio físico que o envolve, muitas vezes determinante na sua vocação específica, expressa-se preferencialmente através da sua situação, que pode ser definida por dois vectores: localização e posição⁸.

ro. Foram encontrados por um jornaleiro, residente nesse lugar da Boavista, ao arrancar a raiz de uma árvore na encosta do castro de Pinheiro, da mesma freguesia, e podem ser atribuídos ao Bronze Final.

⁷Eduardo de Freitas refere também o aparecimento de três machados em bronze com dois anéis, que pela descrição apresentada parecem também corresponder ao tipo Monteagudo 35A. Estes machados terão sido encontrados por dois pedreiros no lugar do Monte, que corresponde ao Castro de S. Simão, escondidos na base de um penedo, destruindo um deles para ver o que era e tendo oferecido os outros, de que não há notícia. Eduardo de Freitas, *Felguerias Rubeas*, 1985 (reedição), 16-17. Ver ainda José de Barros, *O Concelho de Felgueiras, Portugal Económico, Monumental e Artístico*, III, 1940, 472.

⁸Luis Xulio Carballo Arceo, *Los castros de la cuenca media del rio Ulla y sus relaciones con el medio físico*, *Trabajos de Prehistoria* 47, C. S. I. C., Madrid, 1990, pag. 173.

Se a localização é um elemento concreto do espaço, isto é, significa uma escolha — entre várias possíveis — de um sítio físico específico para o assentamento de um povoado, já a sua posição depende do sistema de inter-relações que esse sítio pode manter com o meio envolvente, o que se traduz numa escolha baseada em factores como possibilidades de defesa, capacidade agrícola de território envolvente, sistema agro-silvo-pastoril, facilidade de comunicações e controle territorial.

A análise dos locais escolhidos para a instalação destes povoados baseou-se essencialmente nas características topográficas dos sítios onde os povoados foram implantados, independentemente da sua altitude. É que, na área em estudo, as colinas, esporões e rechãs encontram-se desde os 130 metros a que corre o rio Sousa até aos 400 metros, a partir dos quais encontramos alguns topos aplanados próprios de interflúvios e com a altitude máxima de 575 metros. Se, como vimos atrás, a situação de um povoado é condicionante do seu desenvolvimento e do tipo de economia das suas populações, parece-nos que as balizas altimétricas aqui encontradas enquadram um mesmo tipo de possibilidades e alternativas económicas, em que uma agricultura de subsistência, com um reduzido desenvolvimento tecnológico e quase confinada à horticultura e uma ou duas culturas cerealíferas — trigo e cevada —, levando a um esgotamento rápido dos solos, teria que ser complementada com a criação de rebanhos e com a recolheção, como aliás atestam as fontes clássicas⁹.

Esta ideia levou-nos assim à classificação dos povoados da bacia superior do Sousa em três grandes grupos, um dos quais é susceptível de divisão em três subagrupamentos (Fig.4).

Grupo I – Os castros de Santa Marinha, Ladário, Senhor dos Perdidos e Santa Quitéria (hoje em dia completamente destruído), representando 16,7% do total de povoados com ocupação pré-romana até agora detectados na bacia superior do rio Sousa, são povoados que se caracterizam pela sua localização no tópo aplanado de outeiros a altitudes entre os 400 e os 500 metros, com encostas de pendentes suaves apresentando declives entre 16 e 30%. Estão todos situados na linha de festos que, em semi-círculo, define a bacia de captação do rio Sousa, dominando visualmente todo o território circundante¹⁰ e com uma relação de total intervisibilidade entre si próprios. Por isso, denominamo-los como “povoados de interflúvio”. Apresentam excelentes condições naturais de defesa, complementadas

⁹ Estrabão, Geografia III.

¹⁰ Os problemas de controle visual dos castros sobre o território circundante, sobretudo sobre as áreas imediatas e de exploração preferencial, têm sido abordados por vários autores, sendo de destacar o trabalho de Manuel Xusto Rodriguez, Area de Vision, Topografia e Territorialidade: O Mundo dos Castros, *Boletín Auriense*, XVIII-XIX (1988-89), pag. 23-30.

quase sempre com várias ordens de muralhas (2 ou 3 no Ladário e no Senhor dos Perdidos, havendo vestígios de uma quarta no Castro de Santa Marinha). São normalmente grandes povoados, com superfícies entre os 10 hectares (Castro do Ladário) e os 18 hectares (Castro de Santa Marinha e Castro do Senhor dos Perdidos). Os solos que imediatamente os circundam apresentam boas aptidões para a exploração florestal e pastoril, suportando apenas uma agricultura de recurso, dada a sua altitude e a intensa erosão a que estão sujeitos. Contudo, existem solos com boas aptidões agrícolas num raio de cerca de 30 minutos desde o centro destes povoados.

Grupo II – Os povoados deste grupo caracterizam-se, independentemente da sua altitude, por se situarem em rechãs e estarem rodeados, pelo menos por três lados, por declives fortes, quase sempre superiores a 30%. Distinguimos 3 sub-grupos, baseados na distância a que se situam as vertentes das encostas do topo da rechã.

A – Engloba 9 povoados, representando 37,5% do total. O seu traço de união deve-se ao facto de todos eles se situarem em pequenas e médias elevações no extremo de rechãs, com uma acentuada diferença de cota para os terrenos a que estão sobranceiros e ao facto da vertente da encosta que lhes está sobranceira se encontrar bastante afastada, formando uma zona aplanada até à elevação em que se situa o povoado. As suas altitudes variam desde os cerca de 200 metros do povoado do Bacêlo até aos 575 metros do Castro de Santa Águeda. Ocupando posições estratégicas sobre vales de pequenos rios e ribeiras subsidiários do rio Sousa e do Mezio, dominam visualmente todo o território circundante e todos eles têm boas condições naturais de defesa, pelo que apresentam normalmente apenas uma muralha, às vezes reforçada por um talude ou um sistema de fossos do lado planáltico menos protegido. São povoados de pequenas dimensões, entre 1 e 4 hectares, albergando comunidades que cultivariam de preferência solos situados na encosta menos íngreme, muitas vezes contíguos à muralha. Neste grupo englobamos os castros da Senhora Aparecida (Pinheiro), Santa Águeda (Sousela), Mortórios (Covas/Freamunde), Picôto (Pombeiro) e os povoados de Choqueiro (Idães), Monte do Bufo (Lustosa), Alto de Nevogilde, Bacêlo (Tôrno), e Boavista (Vila Fria).

B – Este sub-grupo é formado por 4 povoados situados também em elevações rochosas no topo de rechãs, com grandes diferenças de cota para as terras baixas cultiváveis, mas encontrando-se bastante próxima a vertente da encosta que lhes está sobranceira, revelando uma plataforma de cultivo mais exígua. Os castros de Penacova, Avelêda, Meinêdo e Pias, em altitudes que variam entre os 229 e os 338 metros, com superfícies entre 1 e 3 hectares, apesar de dominarem visualmente todo o território em três direções, têm uma visibilidade muito redu-

zida e deficientes condições de defesa do lado da encosta próxima.

C – Caracteriza-se pela implantação dos povoados em rechãs terminadas em esporão aplanado, muitas vezes com vertentes de grande declive que lhes proporciona uma defesa eficaz também complementada, como nos outros grupos, por uma linha de muralha e taludes que os protege do lado mais desguarnecido. Neste sub-grupo incluem-se os castros de Sendim, Pedreira, o Cristêlo de Santa Comba de Regilde e o povoado mineiro do Cristêlo de Macieira com altitudes entre os 267 e os 470 metros e o mesmo tipo de visibilidade de A e B.

Grupo III - Os Castros de S. Simão (Refontoura), S. Domingos (Cristêlos) e St^o. Adrião de Vizela parece prefigurarem um outro tipo de implantação, em que o povoado se encontra no topo de uma colina ou outeiro de forma cônica, isolado e emergente das terras aplanadas que o rodeiam, com diferenças de cota entre os 80 e os 100 metros. Muito bem fortificados, ostentam 2 ou 3 ordens de muralhas e superfícies entre os 5 e os 9 hectares, em altitudes que oscilam entre os 249 e os 372 metros. Têm uma visualidade perfeita em todas as direcções, dominando respectivamente o curso do Sousa, Vizela e Mezio, apesar de servidos mais directamente por pequenas ribeiras suas subsidiárias. À sua volta estendem-se os melhores terrenos agrícolas.

2.1.2. Controle do espaço e do território. A intervisibilidade. Os territórios de exploração

Os índices utilizados para a análise do controle do espaço e do território¹¹, essencialmente a visibilidade, a intervisibilidade entre os vários povoados detectados e o ainda o estabelecimento de alguns territórios preferenciais de exploração, implicam a construção de modelos teóricos que só terão razão de ser em condições de ocupação sincrónica dos povoados desta região.

A visibilidade e a intervisualidade¹² pressupõem, além do controle visual do espaço circundante, a possibilidade de comunicação à distância entre os povoados. Por sua vez, o estabelecimento teórico de territórios preferenciais de exploração, além de sugerirem — quando confrontados no terreno — possíveis modelos de organização económica, se conjugados com mapas de visibilidade e intervisibilidade podem revelar-nos formas particulares de organização espacial e territorial.

¹¹Sobre a apropriação do espaço e do território, bem como a sua ocupação e utilização neste período, veja-se M. Xusto Rodríguez, *La concepcion territorial en la Cultura Castreña de Galicia*, *Revista de Arqueología*, 137, Zugarto Ediciones., Madrid 1992, pag. 28-37.

¹²Sobre este assunto, cfr. L. X. Carballo Arceo, *op. cit.* pag. 180-183.

Como os elementos de que dispomos são muito escassos a nível de comprovação arqueológica, vamos partir do princípio, por semelhança com regiões vizinhas e, não o esqueçamos, apoiados apenas em recolhas superficiais, de que essa sincronia de ocupação ocorreu na Fase III da periodização da Cultura Castreja do Noroeste, desde os inícios do século I a.C. aos meados do séc. I d.C.

Se atentarmos na figura 5, verificamos a existência de duas manchas importantes de povoamento. Uma está conotada com a bacia de recepção do rio Sousa, e é dominada pelos castros do Grupo I, ou seja, os povoados de altitude que denominámos “povoados de interflúvio”. Estes povoados exercem um controle efectivo de todo o território A sua intervisualidade é total, podendo comunicar visualmente entre si, e dominando visualmente os povoados mais pequenos, exercendo funções de verdadeiros lugares centrais. Não nos arriscamos a dizer que controlam o rio Sousa, pois este, muito próximo da sua nascente, ainda não possui características de via de comunicação ou constitui grande fonte de recursos. Dentro desta mancha, não podemos deixar de notar duas especificidades: os povoados virados ao vale do rio Vizela, nítidamente subsidiários do castro do Senhor dos Perdidos e por ele controlados, e o Cristêlo de Macieira, pequeno povoado mineiro conotado com a exploração do estanho na dependência do castro da Senhora Aparecida, que conjuntamente com o castro de Sendim, controla o antigo corredor que fazia a comunicação entre o vale do Tâmega e o oppidum dos Bracaraugustani, passando por Briteiros.

A outra mancha de povoamento está já conotada com um trecho mais importante do rio Sousa, depois da sua confluência com a ribeira de Barrosas, e sobretudo com o vale do rio Mezio, corredor natural de comunicação com o vale do Vizela. Aqui a situação é outra: os povoados de altitude, se dominam visualmente, não parecem, pelas suas reduzidas dimensões, poder exercer funções de verdadeiros lugares centrais, quer a nível económico quer administrativo. Nesta área, o único povoado que parece estar em condições de representar esse papel é o castro de S. Domingos, um povoado do Grupo III, bem defendido com 3 ou 4 ordens de muralhas e com uma área de cerca de 9 ha, com capacidade de albergar uma população já considerável. Os outros, parecem ter funções específicas de controle e vigia ao longo do vale.

Baseados no *site catchment analysis* introduzido na década de 70 por Vita-Finzi e Higgs¹³ no estudo do emprego de cereais no Natufense da Palestina e desenvolvido mais tarde por Davidson e Bailey na área de Les Mallaetes e Parpalló¹⁴, tentámos visualizar (Fig. 6) os territórios de exploração directa de cada

¹³ C. Vita-Finzi, E. S. Higgs, *et alli*, Prehistoric economy in the Mount Carmel area of Palestine: site catchment analysis. *Proceedings of the Prehistoric Society* 36, pag. 1-37.

¹⁴ Iain Davidson e G. N. Bayley, Los yacimientos, sus territorios de explotación y la topografía, *Boletín del Museu Arqueológico Nacional (Madrid)* II, 1984, pag. 25-46.

povoado, organizando-os em territórios de 10, 15 e 30 minutos, adaptando para isso a metodologia preconizada por Davidson e Bailey e também empregue por Manuela Martins para a Bacia do Curso Médio do Cávado¹⁵. Por verificarmos que a distância média entre povoados não ultrapassa os 3 km, entendemos prescindir da análise dos territórios superiores a 30 minutos ao verificar que todos eles necessariamente se interpenetravam. Esta análise, não sendo totalmente conclusiva, permite contudo supôr tipos de economia predominantemente agro-pastoris para alguns dos povoados de interflúvio, sobretudo quando confrontada com a realidade do terreno.

Completamos este estudo com o estabelecimento do modelo teórico dos territórios potenciais dos povoados pré-romanos, em que através da aplicação da metodologia dos Polígonos de Thyssen¹⁶ tentámos estabelecer quais as áreas de influência dos povoados e quais os que poderiam ter exercido funções de verdadeiros lugares centrais¹⁷, parecendo-nos confirmar-se a centralidade do castro do Senhor dos Perdidos, do castro de Santa Marinha e do castro da Senhora Aparecida, não nos parecendo conclusiva a situação do castro de S. Domingos, apesar da sua aparente centralidade sugerida pelos modelos de intervisualidade (Fig. 7).

2.2. Cronologias

Não temos veleidades de apresentar num estudo deste género um esboço cronológico para o assentamento e ocupação dos povoados aqui apresentados, sem recurso a escavação ou sequer sondagem sistemática. Diremos apenas que, fruto de recolhas superficiais, temos alguns elementos que poderão sugerir momentos em que estes povoados estiveram ocupados, mas mesmo assim só de uma forma genérica.

No Castro dos Mortórios (Covas), uma ponta de bronze de possível lança ou de punhal, que se encontra no Museu do Seminário Maior do Porto, e atribuível ao Bronze Final, pode ser um indício da ocupação antiga deste povoado¹⁸.

O aparecimento de seis machados de talão e dois anéis tipo Monteagudo 35

¹⁵Manuela Martins, op. cit., pag.. 211-214.

¹⁶P. Haggett, *Analisis Locacional en la Geografia Humana*, Barcelona 1975, pag. 320-321.

¹⁷A adaptação da teoria dos lugares centrais em arqueologia necessita, quanto a nós, de uma revisão profunda, pois para uma correcta adaptação do modelo de Chistaller são necessários dados que só com escavação em todos os povoados e um conhecimento globalizante de toda uma região num dado período cultural é possível obter. A presente tentativa enferma assim dos mesmos vícios e enfrenta os mesmos problemas que as anteriores, não sendo mais, por isso mesmo, que um simples exercício teórico. Sobre o tema, ver M.G. Bradford e W. A. Kent, *Geografia Humana - Teorias e suas Aplicações*, Ed. Gradiva, Lisboa 1987, pag. 17-45.

¹⁸A. C. Ferreira da Silva, Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização. *Paços de Ferreira - Estudos Monográficos*, 1986, pag. 106-107.

A na encosta do Castro da Senhora Aparecida (Pinheiro), a sua estreita relação espacial com o local de achado do tesouro de Arnosela¹⁹ composto por 19 braceletes em ouro e alguns fragmentos cerâmicos de fabrico manual que aí recolhemos, com pastas grosseiras acastanhadas e acinzentadas escuras atribuíveis à fase I B (700-500 a. C.) da Cultura Castreja reportam uma ocupação deste castro ao Bronze Final-inícios da Idade do Ferro, sendo porém muito abundantes os vestígios cerâmicos atribuíveis à fase III e à romanização, o que parece atestar uma ocupação com uma longa diacronia.

Cerâmicas também de fabrico manual e pastas grosseiras acastanhadas e acinzentadas escuras foram por nós recolhidas no Castro da Pedreira, o que aliado à notícia do aparecimento de um machado em bronze²⁰, pode reportar os inícios da sua ocupação para o Bronze Final, transição para o Ferro.

As cerâmicas e as decorações dos Castros de S. Simão e Sendim parece reportarem para uma ocupação um pouco mais tardia, entre o século V e o século III a. C. (Fase II A - 500 a 200).

Em todos os povoados, os elementos superficiais que recolhemos apontam uma sincronia de ocupação ao longo da fase III, com intensos vestígios de romanização a partir dos finais do séc. I a.C e sinais de interrupção dessa ocupação, pelo menos nalguns deles, a partir de meados do século I d.C. O Castro do Senhor dos Perdidos, cujas sondagens forneceram abundantes elementos que atestam a sua ocupação nos finais do séc. I a.C./séc. I d.C.²¹, parece ser o único a apresentar vestígios de uma solução proto-urbana, incluindo-se na área de influência cultural da Citânia de Sanfins, o que se deduz, por exemplo, no achado de um fragmento de uma pequena taça de beber do tipo A2 b ou A3 da tipologia de A.C. Ferreira da Silva, para quem estas taças são comuns e típicas dos *Bracari*.

III. A Romanização da Bacia Superior do Rio Sousa

3.1. Os assentamentos romanos

É sobretudo a partir da pacificação dos povos do Noroeste operada com Augusto que vemos mudar lentamente o modelo de povoamento nesta área (Fig.8). Se encontramos vestígios de aculturação e romanização em alguns dos grandes povoados de altura como Santa Marinha (Aião), Ladário (Vila Cova da Lixa),

¹⁹Ricardo Severo, Os braceletes d'ouro de Arnosella, *Portugália* II-1, 1905-1908, pag. 63-71.

²⁰Eduardo de Freitas, *Felgerias Rubeas. Subsídios para a História do concelho de Felgueiras*, Felgueiras, 1985, pag. 17.

²¹Foi este o único povoado intervencionado por escavações arqueológicas em toda a área da Bacia Superior do Sousa. As escavações, ainda inéditas, foram realizadas pelo Dr. Lino Augusto Tavares

Senhor dos Perdidos (Penacova) se esses vestígios também são reconhecíveis em castros de rechãs como Senhora Aparecida (Pinheiro) e Sendim, ou em outeiros como S. Domingos (Cristelos) e St^ª. Adrião de Vizela, eles parecem não ultrapassar os meados do século I d.C.

Com o virar da Era, comprova-se ainda a ocupação de um grupo de pequenos povoados situados a meia encosta, tirando partido de declives suaves e de um melhor posicionamento em relação aos terrenos com aptidão agrícola. Estão neste caso os povoados do Cristêlo de Santa Comba (Regilde), Penacova — ambos subsidiários do castro do Senhor dos Perdidos —, Picôto (Pombeiro de Riba-Vizela) e Bacêlo (Torno). Meinêdo é um assentamento novo que possivelmente resulta da descida das populações do respectivo castro. A sua situação privilegiada a meia encosta, virado a Oeste sobre as terras férteis do Sousa, origina o desenvolvimento de um *vicus* cuja importância ainda é comprovável no século VI. A atestá-lo, a abundância de vestígios de cerâmicas de construção, fustes de colunas, cerâmicas de cozinha, *terra sigillata hispânica* e *TS Clara D*, e cerâmicas de engobe vermelho pompeiano que aparecem junto ao campo de jogos e na Quinta dos Padrões²². Toda a encosta desde Meinêdo a Vila Verde, onde também existe uma necrópole, passando por Idanha, Pade, S. Mamede e Cales é fértil em vestígios de pequenos assentamentos, prenunciando uma tendência a um modelo de dispersão populacional ainda hoje em dia característico desta área. Vemos então que progressivamente as populações se vão aproximando dos vales, começando gradualmente a explorar essas terras baixas, pesadas e húmidas, para as quais vão adaptar novas tecnologias. Assim interpretamos o aparecimento de tégula, cerâmicas de construção e de cozinha em Sá e Rielho (Santa Eulália de Barrosas), Paço (St^ª. Adrião de Vizela), que parecem corresponder a pequenos casais, o conjunto notável de epígrafes de Vila Fria que deve estar conotado com o estabelecimento de uma *villa* no vale do rio Vizela, o povoado ou casal de Outeiro de Babais (Airães) e o de Vila Verde.

Paradigma deste tipo de ocupação a meia encosta, num esporão sobre o vale de Jugeiros e na base do castro de Sendim, é a *villa* romana que aí detectámos e cuja escavação proporcionou o aparecimento de várias salas com vestígios de mosaicos policromos²³. A tipologia dos mosaicos, algum espólio cerâmico e em vidro, além de 6 moedas encontradas na escavação, permitem comprovar remo-

Dias e pela Dr^ª. Teresa Pires de Carvalho em 1986 e 1987, privilegiando contextos de ocupação romana do século I d.C. Aos autores, agradecemos a informação.

²²J. de Alarcão, *Roman Portugal*, vol II - Gazetteer, fasc. 1, Aries & Phillips LTD, Warminster, 1988.

²³A primeira campanha de escavação da *villa* romana de Sendim, efectuada de emergência em Março de 1992, foi da responsabilidade dos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte sob a direcção do Dr. Lino Augusto Tavares Dias e de nós próprios, nela tendo colaborado os alunos da

delações arquitectónicas e uma ocupação segura a partir dos finais do século III, inícios do século IV.

Outra *villa* ou casal deve ter existido em Caíde de Rei, onde hoje fica a Quinta dos Ingleses. Também num pequeno esporão, a pouca altitude sobre o rio Sousa, sobressaindo dos férteis campos de aluvião na sua margem esquerda, encontram-se restos de cerâmica de construção e, dentro da Cerca dos Veados, uma curiosa lagareta de vinho ou de azeite esculpida num penedo²⁴, atestando uma significativa mudança cultural.

3.2. As Necrópoles

São conhecidos alguns dos locais onde tumulavam os habitantes destes assentamentos. Normalmente a bordejar vias ou caminhos, fora do espaço dos vivos mas suficientemente próximas para permitirem os funerais e que a memória do defunto não fosse votada ao esquecimento, as necrópoles detectadas²⁵ na Bacia Superior do Sousa parecem ser todas de incineração, com diferentes tipologias de sepulturas, que vão desde os simples covachos abertos na terra, de secção “ocular” ou trapezoidal, como as da necrópole da Massorra (Macieira da Lixa, Felgueiras)²⁶, até às sepulturas formadas por tégulas, como as de Veigas (Macieira da Lixa, Felgueiras) ou delimitadas por pequenas pedras e cobertas por outras maiores, como as da necrópole da Senra (Santa Eulália de Barrosa), atribuíveis ao século IV²⁷. Martins Sarmiento interpreta ainda como sepultura uma estrutura em tijolo aparecida em Rielho (Santa Eulália de Barrosas)²⁸. O espólio destas necrópoles, disperso entre o Museu Martins Sarmiento e coleções particulares, pode ser atribuído, tanto quanto nos foi dado observar, desde os finais do século III até ao século V e encontra paralelos em outras necrópoles tardias da região.

Escola Profissional de Arqueologia do Freixo (Marco de Canavezes), orientados pela Dr.^a Anabela Gomes Lebre. Os resultados desta campanha serão oportunamente publicados.

²⁴D. Domingos de Pinho Brandão e F. Lanhas, Sobre a Lagareta de Caíde de Rei, *Revista de Etnografia*, nº 6, 8, e 12 (de 1965 em diante).

²⁵Deve-se a Martins Sarmiento e ao Dr. Eduardo de Freitas a escavação e o salvamento de algum espólio de necrópoles da zona de Santa Eulália de Barrosas e do concelho de Felgueiras, respectivamente, desde os fins do século passado até aos anos vinte do nosso século.

²⁶Eduardo de Freitas, *op. cit.* pag. 17.

²⁷Martins Sarmiento, *Revista de Guimarães*, XVIII, pag. 13. Uma jarra pintada é estudada por J. M. Abascal Palazon, *La cerâmica pintada de época romana de tradición indígena en la Península Ibérica*, Madrid 1986, pags. 183 e 258, que a atribui à segunda metade do século IV.

²⁸Martins Sarmiento, *Revista de Guimarães*, I, 1884, pag. 171.

3.3. As Vias

A Bacia Superior do Rio Sousa apresenta dois corredores preferenciais a ligar duas zonas de intensa romanização que são o vale do Ave-Vizela e o vale do Tâmega. Não é pois de estranhar que da rede viária com partida de Bracara Augusta nos apareçam vestígios precisamente ao longo desses dois corredores que aproveitam o vale de fractura do rio Mezio, a Oeste, e a falha de Pombeiro a Leste.

A via romana que sai de Braga em direção a Sudeste não vem descrita no Itinerário de Antonino. C. A. Ferreira de Almeida²⁹ fá-la sair de Braga pela Falperra, indo a S. Martinho de Sande e a S. João da Ponte onde existem respectivamente um miliário de Trajano indicando a milha IV (CIL II 6214) e uma ponte romana de quatro arcos. Aqui, parece que a via bifurcava. Um ramo viria a Caldas de Vizela, cuja Ponte Velha tem “um arco já fora do leito do rio, em que as chaves e as aduelas são romanas”³⁰, seguindo ao longo do rio Mezio pelas freguesias de Casais e Nespereira, passando pelo *vicus* de Meinêdo³¹, onde atravessaria o rio Sousa, dirigindo-se provavelmente a Monte Mózinho³² e à foz do Tâmega, passando a Várzea do Douro, que atravessava em direção a Viseu.

Não encontrámos na área em estudo nenhum vestígio concreto da passagem desta via. Prospecções intensas na Portela de Barrosas e nos Montes de Sá levaram apenas à identificação de um caminho antigo que corre na crista das elevações, sem vestígios do característico lajeado romano. Também o atravessamento do rio Sousa, feito necessariamente nas imediações de Meinêdo, não deixou vestígios: a ponte de Espindo, tal como se apresenta hoje em dia, é claramente medieval e talvez datável a partir dos finais do século XIII, mais seguramente do século XIV. Detectámos conectado com esta ponte, no lugar de Silvosa e a cerca de 200 metros dela, um troço lajeado que também não é conclusivo, podendo enquadrar-se perfeitamente no período medieval.

Temos então que apenas a necrópole da Senra, em Santa Eulália de Barrosas³³, a provável necrópole de Rielho³⁴, ainda em Santa Eulália de Barrosas, a sucessão de epígrafes ao longo da Ribeira de Sá e do rio Mezio, a sucessão de

²⁹ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Vias Medievais I, Entre-Douro-e-Minho*, FLUP 1968 (Policopiada), pag. 40-41 e 189-190.

³⁰ C. A. Ferreira de Almeida, *op. cit.*

³¹ Este itinerário é ampliado por Jorge Alarcão, *O Domínio Romano em Portugal*, Publicações Europa-América, 1988. Pag. 91.

³² T. Sociro descreve a travessia desta via pela zona por si estudada como vinda de Bustêlo, acompanhando o rio Cavalum em direção a Sul até ao vale da ribeira de Camba, descendo então até S. Vicente. Teresa Soeiro, Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, nº 1, 1984. pags. 60 e 85.

³³ Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, XVIII, pag. 13.

³⁴ Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, I, 1884, pag. 171.

povoados onde aparecem algumas cerâmicas comuns romanas e o Castro de S. Domingos (Cristêlos) com vestígios comprovados de romanização, para além da importância dos vestígios datáveis entre os séc. IV e VI encontrados no provável *vicus* de Meinêdo que, em 572 ainda era sede de bispado³⁵, constituem balizas ao longo das quais podemos traçar o itinerário provável desta via.

Para além desta, aparecem-nos vestígios seguros da passagem de outra via que aproveitava o corredor criado pela falha de Pombeiro no sentido NE-SE. Ainda segundo C. A. Ferreira de Almeida³⁶, esta via começaria em S. João da Ponte, como bifurcação da anterior, passava a Oeste de Guimarães, atravessando o rio Vizela em Vila Fria (Felgueiras), na ponte romana do Arco, cujas aduelas e silharia ainda apresentam vestígios de almofadado. Na margem esquerda do rio, a seguir à ponte, é visível a calçada lajeada que sobe o monte da Boavista até ao Sardoal, Burgo, Rua e Pombeiro. Aqui, confirma-se um troço da via romana com cerca de 100 metros de extensão, o único que foi alvo de escavações arqueológicas³⁷, e que passava na base do castro do Picôto, ia a Campas, onde foi detectada uma necrópole, daí a Padroso³⁸, Forca e Várzea. No lugar do Ameal, aparece-nos um outro troço lajeado, com cerca de 200 metros, que franqueia o rio Sousa numa curiosa ponte em padieira, que reputamos medieval³⁹. Passaria depois à Estrada, Mouta e Espiúca (Caramos), onde detectámos mais dois pequenos troços lajeados a vencer a subida para a Lixa, onde a via passava no sopé do castro do Ladário, descendo depois na direção de Santa Cristina (Figueiró), daí a Constance e atravessando o rio Tâmega na ponte de Canavezes antes de se dirigir a Tongóbriga (Freixo) e ao Douro.

3.4. Epigrafia

A ocorrência de achados epigráficos está maioritariamente centrada no vale do rio Vizela (82%), a atestar uma intensa romanização da vertente NW dos montes do Senhor dos Perdidos e de Barrosas conotada sem sombra de dúvida com a área de influência das termas de Vizela, aparecendo as restantes epígrafes já no

³⁵ D. Domingos de Pinho Brandão, o Bispado de Meinêdo. Contributo da Arqueologia para o seu conhecimento, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra 1971. Pág. 627-28.

³⁶ C. A. Ferreira de Almeida, op. cit.

³⁷ Estas escavações, ainda não publicadas, foram dirigidas pelo Dr. Lino Augusto Tavares Dias e Dr.^a Teresa Pires Carvalho, a quem agradecemos a informação.

³⁸ Eduardo de Freitas, op. cit., pag. 20, faz entroncar aqui em Padroso — onde ainda hoje existe um lugar chamado Roma — uma outra via que viria de Caldas de Vizela pelos castros de Santo Adrião, Regilde, Penacova e Senhor dos Perdidos, da qual não existem quaisquer vestígios. Não nos repugnando a ideia, parece-nos mais lógico que fosse apenas um caminho de ligação, sem as características de uma via.

³⁹ Esta ponte é em tudo análoga à que vimos no percurso da estrada romana de Coimbrões, Viseu.

vale do rio Mezio que, como sabemos, faz a comunicação entre os vales do Vizela e do Sousa, parecendo bordejar a via que por aqui passava.

Destas epígrafes, 7 são funerárias (41%), com particular relêvo para o grupo de Vila Fria no qual se destaca, em Sá, o cipo ornamentado em quatro faces de Julia Pintâmi, atribuída⁴⁰ aos finais do século I- século II (ILER, 4772), 3 são votivas (17%), 5 aparecem gravadas em penedos (30%), havendo ainda a registar o aparecimento de duas aras anepígrafas (12%).

Uma inscrição gravada num penedo de Penacova (Felgueiras), perto do Castro do Senhor dos Perdidos, merece especial menção por dois motivos: em primeiro lugar, parece dedicada a uma divindade “Iunone Amrunearum” que, para Alarcão “não seria a Iuno clássica mas uma deusa indo-europeia que assumiria a forma de vaca ou vitela”⁴¹; em segundo lugar, dedicada por “Quintillo et Prisco Cos” é perfeitamente datável do ano 159 através da listagem do colégio consular. Aliás, o conjunto epigráfico desta zona revela, além do culto aos Lares⁴², ainda mais duas entidades aqui veneradas: *Castaecis*, talvez uma ninfa aquática da inscrição de Santa Eulália de Barrosas (CIL II, 2404), e o *Genio Laquiniesi*, possivelmente do castro ou do território de Laquinium, ainda não identificado, a quem é dedicada uma inscrição proveniente da freguesia fronteira de S. Miguel de Vizela e para aqui trazida (CIL II, 2405).

Uma das inscrições funerárias de Vila Fria (ILER, 5354) indicia uma certa mobilidade migratória, pois refere-se a um indivíduo *Lanciensis Tra(ns)qudanus*, revelando um étnico de uma *civitas* que aparece referida na inscrição da ponte de Alcântara, mas cujo território, situado possivelmente entre a serra da Malcata e o rio Côa ainda não está fixado arqueologicamente⁴³.

Quanto à onomástica indígena, verificamos pelas inscrições de Santa Eulália de Barrosas (CIL II, 2404) e de Vila Fria que os nomes Reburus, Reburinus, Severus, Bracarus e Flav(v)s também eram correntes nesta zona; onomástica romana, a atestar a presença de indivíduos de proveniência itálica, sobretudo a partir dos finais do século I d. C. aparece-nos na inscrição atrás referida do penedo de Penacova, bem como na de Sá (ILER 4772), Santo Adrião de Vizela (CIL II, S 5559), Santo Estêvão de Barrosas (CIL II, 155a) ou na de Eira Vedra (Sousela, Lousada)⁴⁴.

⁴⁰ Alain Tranoy, *La Galice romaine. Recherches sur le Nord- Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Diffusion du Boccard, Paris 1981, pag. 365.

⁴¹ Jorge Alarcão, *Roman Portugal*, II, fasc.1, Aries & Philips Ltd., Warminster 1988, pag. 18, nº 1/328.

⁴² O Culto aos Deuses Lares é documentado numa ara aparecida na quinta de S. Mamede, em Meinêdo, cujo achado foi noticiado pelo *Jornal de Lousada*, 4063, de 7-12-90, pag. 2.

⁴³ Jorge Alarcão, *O Domínio Romano em Portugal*, Publicações Europa-América, 1988. pag. 35-37. *idem.*, *O Domínio Romano, Nova História de Portugal, Vol. I - Portugal - Das Origens à Romanização*, Ed. Presença, Lisboa 1990, pag. 369-370.

⁴⁴ José Forte, *Notícias Epigráficas, Portugália*, tomo II, 1905-1908, pag. 479, nº 4.

Curiosamente, ainda sob o ponto de vista social, as inscrições de Santa Eulália de Barrosas revelam-nos duas profissões aqui exercidas: a inscrição ao *Genio Laquiniesi* é dedicada por um pisoeiro e a ara a *Castaecis* é dedicada por um *lapidarius*, ou seja, um canteiro ou pedreiro.

3.5. Achados Monetários

Indício de profundas transformações de índole económica após a conquista e subsequente pacificação dos indígenas por parte dos romanos é o aparecimento de um tesouro de denários no Castro do Senhor dos Perdidos (Penacova, Felgueiras)⁴⁵, composto por moedas emitidas a partir de 130 a.C. e cujos exemplares mais recentes datam do reinado de Tibério. A utilização da moeda generalizou-se nesta zona com Augusto, sendo deste reinado uma moeda em AR aparecida conjuntamente com outras — um tesouro? — no Cristêlo de Regilde e das quais infelizmente se perdeu o rasto⁴⁶.

Ainda do reinado de Augusto, é um denário proveniente do Castro de S. Domingos (Lousada), datável dos anos 7-6 a.C.⁴⁷. Um pouco abaixo do Castro do Ladário (Lixa, Felgueiras), foi encontrado um conjunto de moedas de bronze atribuídas a Tibério⁴⁸ e há ainda notícia do achado de moedas em bronze no Castro de S. Simão (Refontoura, Felgueiras)⁴⁹ bem como de moedas hispânicas no Castro do Picôto (Pombeiro de Riba-Vizela, Felgueiras).

Já mais tardias são as moedas constituintes de um outro tesouro aparecido no Castro do Senhor dos Perdidos (Penacova, Felgueiras), ainda inédito e atribuível ao século IV d.C., bem como as moedas do século III e IV encontradas na escavação da *villa* romana de Sendim.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZON, Juan Manuel - *La cerâmica pintada de epoca romana de tradición indígena en la Península Iberica*, Madrid 1986.
- ALARCÃO, Jorge de - *O Domínio Romano em Portugal*, 1988.
- ALARCÃO, Jorge de - *O Domínio Romano, Nova História de Portugal, Vol. I - Portugal - Das Origens à Romanização*, Lisboa 1990.

⁴⁵Rui M. S. Centeno, *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Anexos *Numus* nº1, Porto 1987, pag. 65-66.

⁴⁶Eduardo de Freitas, op. cit. pag. 15.

⁴⁷A notícia do seu achado foi dada pelo Jomal de Lousada de 5-IV-1991.

⁴⁸Eduardo de Freitas, op. cit., pag. 19.

⁴⁹Eduardo de Freitas, op. cit., pag. 17.

- ALARCÃO, Jorge de - *Roman Portugal*, vol II- Gazetteer, fasc. 1, Warminster, 1988.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Vias Medievais I, Entre-Douro-e-Minho*, FLUP 1968 (Policopiada).
- BARROS, José de - *O Concelho de Felgueiras, Portugal Económico, Monumental e Artístico*, III, 1940.
- BRADFORD, M.G. e W. A. Kent, *Geografia Humana - Teorias e suas Aplicações*, Lisboa 1987.
- BRANDÃO, D. Domingos de Pinho e F. Lanhas - Sobre a Lagareta de Caíde de Rei, *Revista de Etnografia*, nº 6, 8, e 12 (de 1965 em diante).
- BRANDÃO, D. Domingos de Pinho - O bispado de Meinêdo. Contributo da Arqueologia para o seu conhecimento, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra 1971.
- CARBALLO ARCEO, Luis Xulio - Los castros de la cuenca media del rio Ulla y sus relaciones con el medio físico, *Trabajos de Prehistoria* 47, C. S. I. C., Madrid, 1990.
- CARTA de Capacidade e Uso do Solo de Portugal. Base e normas adoptadas na sua elaboração, Centro Nacional de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, Lisboa, 1983. Escala 1:25.000.
- CENTENO, Rui M. S. - *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto 1987.
- DAVIDSON, Iain e G. N. Bayley - Los yacimientos, sus territorios de explotacion y la topografia, *Boletín del Museu Arqueológico Nacional (Madrid)* II, 1984.
- FORTE, José - Notícias Epigráficas, *Portugália*, tomo II, 1905-1908.
- FREITAS, Eduardo de - *Felgerias Rubeas. Subsídios para a História do concelho de Felgueiras*, Felgueiras, 1985.
- GUIMARÃES, F. J. Salgado - *Museu Martins Sarmiento - Guia Descritivo. Secção de Indústrias Pré e Proto-Históricas*, Guimarães, 1980.
- HAGGETT, P. - *Analisis Locacional en la Geografia Humana*, Barcelona 1975.
- MARTINS SARMENTO - *Revista de Guimarães*, I, 1884
- MARTINS SARMENTO, *Revista de Guimarães*, XVIII.
- MARTINS, Manuela - *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Universidade do Minho, Braga 1990.
- SEVERO, Ricardo - Os Braceletes d'ouro de Amozella, *Portugália* II-1, 1905-1908.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização. *Paços de Ferreira - Estudos Monográficos*, 1986.
- SOEIRO, Teresa - Monte Mòzinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel - Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, nº 1, 1984.
- TRANOY, Alain - *La Galice romaine. Recherches sur le Nord- Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris 1981.
- VITA-FINZI, C., E. S. Higgs et alli - Prehistoric economy in the Mount Carmel area of Palestine: site catchment analysis. *Proceedings of the Prehistoric Society* 36.
- XUSTO RODRIGUEZ, Manuel - Area de vision, Topografia e Territorialidade: O Mundo dos Castros, *Boletín Auriense*, XVIII-XIX (1988-89).
- XUSTO RODRIGUEZ, Manuel - La concepcion territorial en la Cultura Castreña de Galicia, *Revista de Arqueología* 137, Madrid 1992.

Est. I

Carta Hidrográfica da Bacia Superior do Rio Sousa



Fig. 1 (este mapa, tal como os seguintes, baseia-se na carta de esc. 1:100.000, aqui reduzido aproximadamente metade em relação ao original).

Carta Altimétrica da Bacia Superior do Sousa



Fig. 2.

Est. III

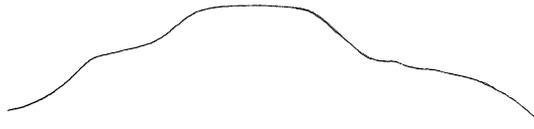
Povoamento Pré - Romano da Bacia Superior do Sousa



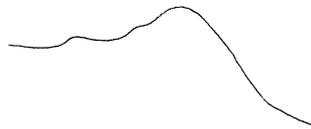
Fig. 3.

Tipologia de Implantação dos Povoados
Cortes Topográficos

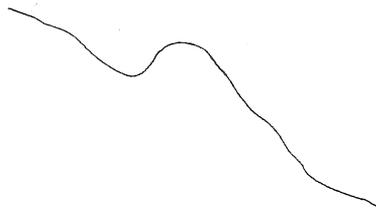
Grupo I



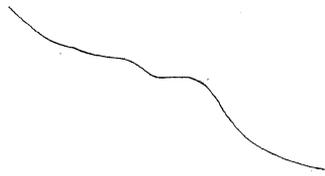
Grupo II - A



Grupo II - B



Grupo II - C



Grupo III



Fig. 4.

Controle Visual na Bacia Superior do Rio Sousa

Intervisibilidade dos Povoados



Fig. 5.

Modelo Teórico dos Territórios de Exploração dos Povoados
da Bacia Superior do Sousa

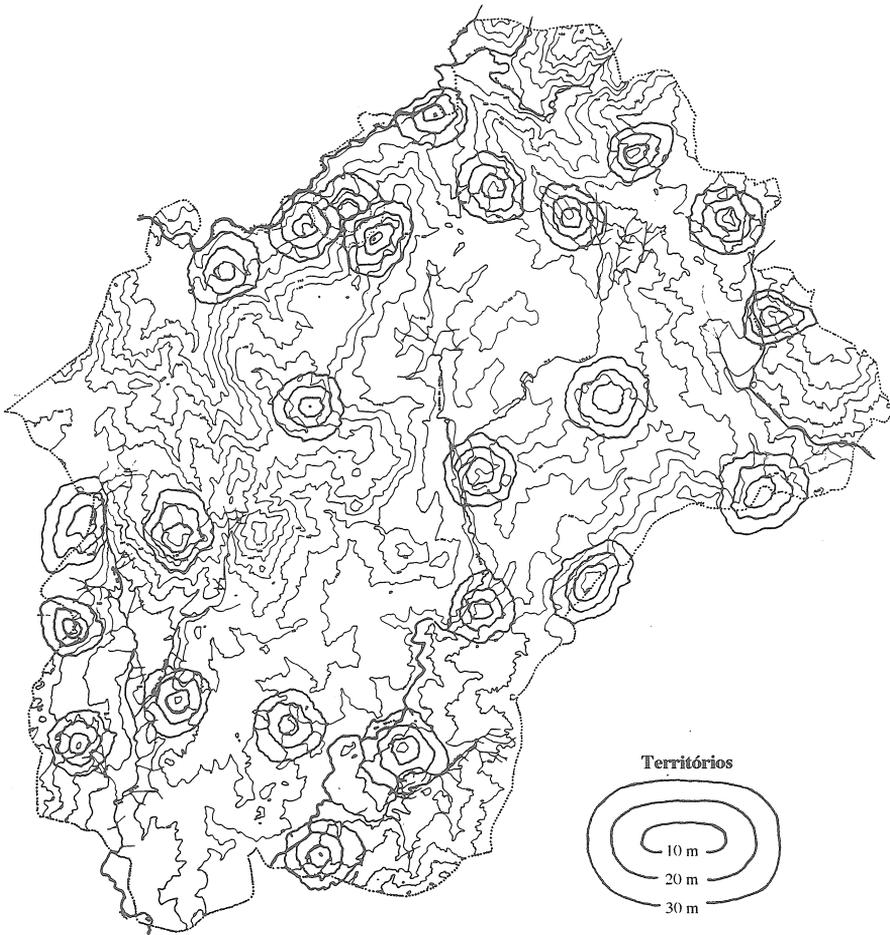


Fig. 6.

Territórios Potenciais dos Povoados Pré-Romanos
da Bacia Superior do Sousa



Fig. 7.

A Romanização da Bacia Superior do Sousa

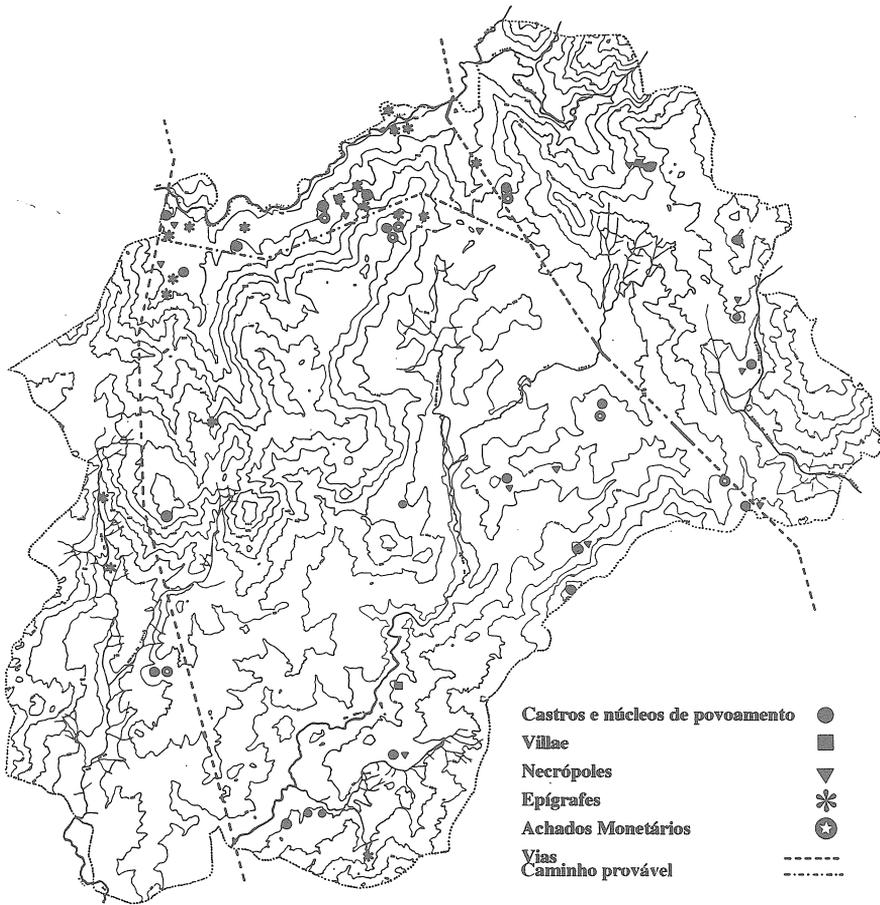


Fig. 8.